

## REPENSANDO O ENSINO E APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA NOS LIVROS DIDÁTICOS A PARTIR DOS POVOS DO CAMPO

**JERUSA CASSAL DE ALMEIDA<sup>1</sup>**; PROF. DR <sup>a</sup>LIZ CRISTIANE DIAS<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas 1 – jerusacassal@hotmail.com 1*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – lizcdias@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Perante o surgimento de novas tecnologias e o acesso rápido a informação ensinar e aprender de maneira efetiva no mundo contemporâneo pode ser um desafio, pois como elucidam MONEREO; POZO; CASTELLÓ (2004, p.162) “os conhecimentos mudam de forma vertiginosa que já não se pode aprender quase nada com certeza de que servirá para a vida toda, sem que estejamos condenados a ser aprendizes permanentes, por toda a vida”. Dito isso, o objetivo geral desta pesquisa é averiguar de que forma os conteúdos relacionados ao povos do campo são apresentados nos livros didáticos e de que forma as estratégias de ensino e aprendizagem podem promover o raciocínio geográfico dessa temática em sala de aula. Os objetivos específicos consistem em: constatar quais são as orientações curriculares para o ensino de geografia na abordagem da temática; Identificar se os professores do campo e da cidade trabalham com o tema, e se sim como é desenvolvido em sala de aula o conteúdo; elaborar em conjunto com professores e alunos estratégias de ensino e aprendizagem voltadas para o tema. Isto posto, o acesso a informação não ocorre de maneira igual, os menos abastados acabam recebendo informações muitas vezes manipuladas, o geógrafo Milton Santos alerta para a violência da informação, pois com a globalização a informação deveria estar ao alcance de todos, porém nas palavras do autor “ o que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde. Isso tanto é mais grave [...], a informação constitui um dado essencial e imprescindível.” (SANTOS, 2003). Nesse contexto, a Geografia desempenha um papel central na aprendizagem dos alunos, GONZÁLES (2016) aponta a Geografia como disciplina escolar da moda, o autor discorre que está afirmação pode parecer utópica, contudo “[...] constituye una de las materias más demandadas e interesantes en relación a la formación ciudadana y a la comprensión del mundo actual, complejo, global y contradictorio[...]. Dessa maneira, a Geografia por ter seu objeto de estudo o espaço e suas categorias de análise fornece novas estratégias de ensino e aprendizagem fomentando a curiosidade dos alunos a ampliar seu raciocínio espacial através de sua participação ativa no processo de aprendizagem. Assim, quando o (a) aluno (a) reconhece um problema ou dificuldade de aprendizagem e planeja ou seleciona ações para tal problema podemos dizer que está fazendo uso estratégico de seu conhecimento”.(POZO; MONEREO;CASTELLÓ, 2004). No entanto, para que isto ocorra, CASTELLAR (2019) revela a responsabilidade da universidade na formação inicial dos licenciandos. Para a autora “na universidade e, também, na escola básica falta clareza do papel que a didática possui no processo de ensino e de aprendizagem.” Portanto, é preciso preparar os futuros docentes a compreender realmente os conceitos e metodologias a fim de propiciar aos alunos um conhecimento amplo e concreto baseado em conhecimentos anteriores e em sua própria reflexão. Por fim, precisamos estar cientes do papel desempenhado por esta ciência na formação de cidadãos conscientes das diferentes categorias de análise e da diversidade do meio rural constituído por diversos atores. Concordamos com

COPATTI E CALLAI (2018) para que isso de fato aconteça “[...] precisamos, de imediato, pensar no modo como a Geografia auxilia nesse processo”.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa em questão baseia-se na análise qualitativa. Este método é bastante utilizado em pesquisas relacionadas à educação, porque aborda a realidade e aproxima o pesquisador do objeto estudado. Mediante isso, permite uma investigação pormenorizada do emprego das estratégias de ensino e aprendizagem por professores e alunos, como instrumento importante na construção do raciocínio geográfico sobre a temática dos povos do campo presentes no livro didático. LÜDKE E ANDRÉ (2018) compararam a análise qualitativa, num primeiro momento, a um funil, pois para as autoras “a fase inicial é mais aberta, para que o pesquisador possa adquirir uma visão bem ampla da situação, dos sujeitos, do contexto e das principais questões do estudo”. Outro ponto destacado pelas pesquisadoras é a atenção no foco de estudo para tornar a coleta de dados produtiva, além do cuidado em selecionar o conteúdo de análise. Nesse contexto, a análise qualitativa utiliza as entrevistas como ferramenta, dito isso, no estudo em questão, serão realizadas entrevistas com professores do campo e da cidade para compreender de que modo é trabalhado em sala de aula as populações do campo em diferentes realidades. Os alunos tanto do campo e da cidade também serão entrevistados, assim teremos um panorama de como os alunos entendem este conteúdo. As entrevistas se darão por meio de questionários abertos, no qual os entrevistados poderão expressar suas opiniões de maneira autônoma.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa encontra-se em fase inicial, e até o momento foi realizada uma revisão de literatura. Segundo CRESWELL (2007), “o objetivo da revisão de estudos que já abordaram o problema é justificar a importância do estudo e criar distinções entre os estudos passados e o estudo proposto”. Cabe salientar que os artigos foram selecionados por meio da plataforma *Scielo*, e apresentam a contribuição da literatura nacional e internacional contribuindo para uma visão geral da temática apresentada anteriormente. Diante disso, segundo PRADO E CARNEIRO (2017) a inserção dos livros didáticos na cultura escolar serviu de subsídio para os processos de ensino e aprendizagem nas escolas. Contudo, os autores chamam a atenção para que este recurso não seja utilizado como única fonte de saber. Dessa forma, os livros didáticos se tornaram uma realidade escolar e ainda hoje perante as novas tecnologias concentram um papel essencial nas escolas. Porém, mesmo com a políticas educacionais voltadas para o tema, existem incongruências nos conteúdos e os professores muitas vezes não estão preparados para lidar com essa ferramenta. Na Itália, ANCHINI E PAGINI (2019) nos dizem que os livros didáticos ainda são considerados ferramentas importantes para o ensino e aprendizagem, mas existe um movimento denominado *Avanguardie Educativa* tentando produzir materiais didáticos com a reflexão e a participação dos alunos através de novas tecnologias e distintas plataformas. Segundo as autoras a autoprodução de livros didáticos imprime as visões dos alunos sobre diversos assuntos como o campo e cidade. Na América Latina, o Chile, assim como o Brasil, fomenta um lucrativo mercado editorial. O governo chileno movimenta recursos públicos todos os anos para a produção de livro didático entendido como ferramenta essencial no processo de ensino-aprendizagem editoras

estrangeiras fazem parte da elaboração dos livros didáticos no país. (SOAJE DE ELÍAS, 2018). Outro ponto destacado por SOAJE DE ELÍAS (2018) é “a destruição de reservas indígenas por empresários madeireiros é apresentada como “reivindicações” e não crime”. Já o mercado editorial espanhol é nebuloso e não publica dados da circulação dos livros didáticos. MIRANDA E GARCÍA (2019) elaboraram um mapa editorial de livros didáticos na Espanha e revelam que as escolas acabam adotando os projetos das maiores editoras do país. MARTINS E GARCIA (2019) elucidam que no Brasil os livros têm a sua produção pautada, hegemonicamente, nos pressupostos das orientações nacionais em detrimento das estaduais. VAHL E PERES (2017) discutem o papel de destaque da produção de livros didáticos. De acordo com as autoras os investimentos altos permitiram o desenvolvimento do setor editorial no país a partir da criação de novas editoras. Em sua pesquisa sobre os livros didáticos pertencentes ao Programa Nacional do Livro Didático (PLD) de educação no campo, OLIVEIRA (2017) revela a invisibilidade do saber campesino, pois a subalternização dos saberes do campo é ativamente produzida pela monocultura do saber euro-ocidental, sendo também uma forma de injustiça epistêmica.

#### 4. CONCLUSÕES

Após as explanações acerca do tema é evidente que os livros didáticos são uma ferramenta importante no ensino e aprendizagem de muitos alunos. Porém, nem sempre é utilizada de forma correta, as universidades acabam deixando de lado em alguns casos questões didáticas e as estratégias de ensino e aprendizagem muitas vezes não são trabalhadas em uma sociedade, na qual as novas tecnologias exigem conhecimentos específicos. Alguns alunos têm acesso a informações via internet e pela grande mídia, mas na maioria das vezes são informações de fontes duvidosas e muitos não tem condições de acessar recursos tecnológicos. Nesse sentido, o livro didático tem espaço em realidades onde não existem outros materiais didáticos. Em vista disso, as aulas de geografia muitas vezes ocorrem de forma distante da realidade dos alunos desconsiderando o espaço e suas categorias de análise, a escala local deve ser enfatizada como recurso estratégico pelos professores para que os alunos possam realmente aprender os conteúdos a partir de sua própria reflexão. Isto exposto, este estudo busca inovar ao repensar o ensino-aprendizagem de geografia por meio de novas estratégia fomentando o raciocínio espacial, através das populações do campo e não apenas por meio do espaço urbano, é preciso pensar a geografia de forma a considerar a heterogeneidade do território brasileiro e promover o uso de estratégias de ensino para além da memorização de conteúdos, onde os alunos sejam autônomos no processo de aquisição do conhecimento.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANICHINI, Alessadra; PARIGI, Laura. Reescrever o conhecimento, redesenhar o livro didático: a autoprodução de conteúdo em sala de aula. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 77, p. 117-134, set./out. 2019.
- CASTELLAR, Sonia M. V. Raciocínio geográfico e a teoria do reconhecimento na formação do professor de geografia. **Signos Geográficos**, Goiânia-GO, V.1, 2019
- CAVALCANTI, Erinaldo, v. A história encastelada e o ensino encurralado: reflexões sobre a formação docente dos professores de história. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 72, p. 249-267, nov./dez. 2018
- COPATTI, Carina; CALLAI, Helena C. O Ensino de Geografia em Educação do Campo e o Uso do Livro Didático. **Contexto & Educação**, ano 33. nº 105. Maio/ago. 2018.
- CRESWELL, John. **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- GONZÁLEZ, Rafael. Pensamiento espacial y conocimiento geográfico em los nuevos estilos de aprendizaje. **Nativos digitales y geografía en el siglo XXI: Educación geográfica y estilos de aprendizaje**, 2016.
- MARTINS, Alisson. A.; GARCIA, Nilson. M. D. Artefato da cultura escolar e mercadoria: a escolha do livro didático de Física em análise. **Educar em Revista**, v. 35, n. 74, p. 173–192, 2019.
- MIRANDA, Miguel. B.; GARCÍA, Erika. G. Fuentes Para La Elaboración De Un Mapa Editorial De Libros De Texto En España. **História da Educação**, v. 23, p. 1–32, 2019.
- MONERO, Carles; POZO, Juan I; CASTELLÓ, Montserrat. O ensino de estratégias de aprendizagem no contexto escolar. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Juan (orgs). **Desenvolvimento psicológico e educação**. Artmed, 2004.
- OLIVEIRA, Rosana. M. Descolonizar os livros didáticos: Raça, gênero e colonialidade nos livros de educação do campo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 68, p. 11–33, 2017.
- POZO, Juan I; MONERO, Carles; CASTELLÓ, Montserrat. O uso estratégico do conhecimento. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Juan (orgs). **Desenvolvimento psicológico e educação**. Artmed, 2004.
- PRADO, Clodoaldo. J. B. DO; CARNEIRO, Sonia Maria, M. Livro Didático de Geografia: estudo da linguagem cartográfica. **Educação & Realidade**, v. 42, n. 3, p. 981–1000, 2017.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 174 p.
- SOAJE DE ELÍAS, Raquel. Textos escolares: consideraciones didácticas. **Educación y Educadores**, v. 21, n. 1, p. 73–92, 2018.
- VAHL, Mônica. M.; PERES, Eliane. O programa do livro didático para o ensino fundamental (1971-1976). **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 164, p. 562–585, 2017.